

a tolerancia? Respondemos: d'essa tolerancia só a encontrareis na lua, planeta muito do vosso agrado e dos doidos.

Adeus: encomendae-vos aos vossos antepassados, e pedi-lhes juizo e arrobas (esta prece vaç pelo systema antigo, mas é o mesmo....) de esperanças.

QUADROS.

Rugia, não muito longe, a tempestade, quando nasceu o duque de Berry que, mais tarde, devia chamar-se Luiz XVI.

O leão popular, assentado, meio desperto, á sombra de um despotismo infrene, contemplava, com odio profundo, as instituições pomposas de um passado acobertado com o manto da mais serena e beatifica hypocrisia.

A epocha da emancipação não estava muito longe, é verdade; mas caminhava com lentidão, como que para gravar, mais fundo, em todos os corações captivos a sua ideia, grandiosa como um pensamento do Eterno, profunda como o firmamento que se arqueia magestoso por sobre o mundo.

O tempo, esse heroe venerando e legendario, involto no seu amplissimo véu mysterioso, acercava-se da infancia e segredava-lhe palavras que só ella comprehendia; e as creanças, sentindo no ouvido aquelle doce murmurio, fitavam os olhos lacrimosos na velhice, e esperavam.

O tempo era o livro sybillitico em cujas paginas augustas e magestosas estava inscripta, em caracteres de fogo, uma epopéa futura.

As creanças representavam as cohortes heroicas d'amanhã, que deviam, depois de mil feitos gloriosos, formar essa immensa e formidavel epopéa adornada de estrophes ardentissimas e sublimes, escriptas á luz fulgurantissima da liberdade.

Os velhos podiam olhar-se como os Tyresias, os Calchos, os Mopsus ou Branchus d'essa grande epocha; porque, se fossem consultados, deveriam predizer o nascimento dos Robespierres, dos Marats e Dantons.

Foi em meio, pois, de uma surda agitação que nasceu Luiz XVI.

Ainda creança, o moço duque de Berry, possuía já um todo austero, um character serio, reservado, e, algumas vezes, arrebatado; nem o jogo, nem os espectaculos, nem os prazeres ruidosos poderam jamais dominar aquella cabeça, unicamente distrahida pela forja e pelo gosto de copiar alguns mappas geographicos.

Seus mestres foram: Cathosquet, homem honrado e integro, mas pusillanime, e o duque de la Vauguyon, presa innocentissima de quantos beatos e jesuitas atormentavam então a cõrte de França.

Feito delphim, o duque de Berry tornou-se frio e reservado para os seus, e amavel e communicavel para os operarios.

Se o duque de Berry tivesse nascido alguns annos antes teria, com toda a certeza, contribuido bastante para a felicidade dos francezes; mas o tempo foi-lhe adverso, porque o povo, cansado de tanta tyrannia, não podia já contemplar, sem rancor tenebroso, esses homens ébrios de uma jerarchia nobillissima sim, mas concedida por elle mesmo a este ou a aquelle para que redundasse em bem da sua felicidade, e não para servir de manto a meia duzia de truões, que, confiados nos seus estupidos pergaminhos, julgavam poder esmagar, desassombadamente, todos os que não podiam ou não sabiam empunhar um espadim.

Mas voltemos ao assumpto.

Logo que Luiz XV desceu ao tumulo de seus maiores para se involver no mundo dos mysterios, o delphim subio ao throno e lançou os olhos por sobre o paiz que lhe estava confiado.

Vio que a grande e enormissima desgraça da epocha era pobreza do povo; e por isso dedicou-se d'alma e coração ao escabroso e rude mister da economia.

Para o auxiliar em tão gigantesca empresa, precisava de um homem energico e probo: mandou chamar para esse fim o senhor de Machault; mas as damas da sua cõrte buliçosa e saltitante mostraram tão má cãra, tamanho desgosto com tal escolha que Luiz XVI vio se forçado a mandar chamar o mensageiro, e a mudar o sobrescripto pelo seguinte: ao senhor conde de Maurepas.

Já se vê, pois, que Luiz XVI tinha o gravissimo defeito da franqueza; e foi talvez este defeito o que o levou ao cadafalso.

Maurepas, apenas chegou á cõrte, tratou de obter as boas graças do rei, o que facilmente conseguiu; e depois, um pouco extasiado perante as bellezas donairosas d'aquelle recinto puramente aristocratico, não se esqueceu de gargantear aqui e acolá umas trovas escandalosas do tempo de Luiz XV, a que elle chamava as suas memorias.

Como não é intento nosso analysar ponto por ponto a epocha de Luiz XVI andaremos um pouco mais apressados. Luiz XV nasceu em 1754, subio ao throno em 1774, e, restabelecendo os parlamentos, creando o Monte da Piedade e a Caixa economica, mereceu a approvação de todos os francezes, que, em meio do seu immenso delirio, elevaram-no ao Capitolio do amor.

Amigo dos povos que pugnavam, heroica e brilhantemente, pela sua independencia, enviou soccorros aos insurgentes d'America, os quaes, crenças na estrella propicia de Washington, d'esse heroe sem par, que, correndo de batalha em batalha, proclamando os direitos sagrados dos povos, illuminado pelo brilho divinal da liberdade, mostrou á soberba Albion que um punhado de heroes não pode jamais viver entregue ao dominio despotico de uma potencia estranha, como se fõra uma cousa vil e abjecta.

Os serviços prestados pelo monarcha francez á republica americana não foram esquecidos. A estatua erguida na praça de Philadelphia a Luiz XVI provou, clara e terminantemente, esta asserção.

E quem diria que este principe tinha de acabar tão martyr?

A demissão dada pelo rei a Necker, que gosava da estima publica, foi, não diremos a causa por que erravamos, mas o pretexto para que o povo adormecido recordasse os seus irmãos d'America e mostrasse de quanto era capaz.

A tomada de Bastilha foi o prologo do vasto panorama, que, mais tarde, devia desenrolar-se á vista de todos.

Luiz, assustado e aconselhado pela nobresa, que não queria, por modo algum, ceder o mais pequeno privilegio ao povo, mandou aproximar tropas de Pariz.

Ergue-se então o povo como enorme e pavorosa catadupa, e, cahindo por sobre Versailles, espalhando o terror e a confusão, obriga o rei a vir para Pariz.

Como o orgulho de Maria Antonieta se revoltou n'esse dia! Ella o symbolo de realesa, ella a mulher radiante, ella austriaca d'alma e coração, ella curvando a cabeça ante a

populaçã!. Estes pensamentos, seus companheiros inseparaveis, foram a causa da sua perda.

O rei, chegando á capital, vê-se obrigado a sancionar uma infinidade de decretos da assembleia geral, e, não se julgando em segurança no seu palacio, acolheu-se á sombra da assembleia legislativa, que, longe de o proteger, suspendeu-o das suas funções, e mandou-o encerrar no *Templo* e julgar pela Convenção.

A 24 de Janeiro de 1793, o augusto chefe da realesa expirou, na praça da Revolução, todos os crimes dos seus antecessores.

Agora perguntamos: é culpada a revolução?

Não, mil vezes não; porque inevitavel como era podia, comtudo, demorar-se um pouco mais, esperar pela morte de Luiz XVI, se este principe soubesse despir-se do manto jerarchico da realesa intransigente e acompanhasse, com socego e dignidade, as suas phases.

Tambem não culpamos Luiz, mas sim os reaccionarios, os nobres que o cercaram, que lhe aconselharam a resistencia, e o abandonaram depois covarde e vilmente.

Quando Mirabeau, esse colosso do parlamento, essa fonte de prodigiosa eloquencia, nada pôde fazer a favor do monarcha francez, este devia conhecer que o caminho, que lhe apontaram de longe, ia dar ao abysmo do aniquilamento; mas não vio, e porque? Perguntae-o aos restos carcomidos d'essa estulta nobreza que o cercava.

O senhor de Hervilly á frente da sua nobreza de França parece-nos ridiculo;—João Jacob entrando na assembleia, com os seus cabellos brancos como o gelo das Alpes, é imponente e magestoso.

Quando a assembleia vio entrar este homem, que tinha sido escravo meio seculo de Luiz XIV, outro meio de Luiz XV e vinte annos de Luiz XVI, ergueu-se cheia de profundo respeito e saudou o decano da humanidade, o vulto legendario que chegou a tocar com o dedo gelido na limbria da candida stringe da liberdade.

Maria Antonieta banquetando-se com os guardas reaes semelha o naufrago agarrado a uma taboa carcomida; mas Proudhomme invectivando contra a realesa, quasi no fim dos seus ultimos paroxismos, é infame e repugnante.

Pethion respondendo a Luiz XVI deshonra o seu partido; Barnave, sustentando o seu papel com delicadeza e dignidade, eleva-o.

Pomos ponto, por hoje, sobre este assumpto porque nos falta espaço para mais. Quando se offerecer occasião voltaremos para mostrar-mos a influencia que tiveram Voltaire, Diderot, Alambert, Rousseau e outros sobre esta epocha grandiosa e triste.

Do *Correio do Sul* transcrevemos o artigo seguinte, que nos parece pertencer ao nosso talentoso amigo e distinctissimo advogado—sr. Raymundo Capella.

Por certo que os leitores do *Liberal* hão-de, como nós, aborrecer tudo quanto cheira a profunda questão juridica; podemos, comtudo, afirmar que este pequeno trecho do sr. Capella está escripto n'um estylo tão saltitante e ameno que, apezar do seu perfume juridico, ha-de attrahir a attenção geral.

A PENA DE MORTE NA LEGISLAÇÃO MILITAR.

I.

Um conselho de guerra condem-

nou á morte o soldado que assassina o alferes Chrysostomo. O supremo conselho de justiça militar confirmou a sentença da primeira instancia. Provado o facto, examinada a especie, os juizes foram direitos com o dedo ao texto applicavel da legislação militar, e fizeram-n'o copiar no accordam. Era do seu dever, e era facil.—E d'ahi?... Executar-se-ha a pena?—Porque não?... Segundo o artigo 32.º do Codigo penal, a pena de morte consiste na simples privação da vida. Nada mais simples, por tanto... Fuzile-se o soldado, e ter-se-ha feito justiça inteira.

Posta assim a questão, fica logo resolvida clara e positivamente.

Mas a sentença de morte não se executará sem que o rei a sancione. E o rei que é n'este caso—poder moderador—pode *no exercicio da mais grata de suas attribuições*, commutar a pena ao soldado, e impedir que a sentença de morte se execute.

A commutação da pena equivaleria a perdão em parte. Porém, se o perdão costuma ser acto espontaneo, e não reflectido da vontade do homem, rasgo sublime de amor de Deus e do proximo, impulso generoso de corações bem formados (e ás vezes ainda capricho momentaneo de uma fleuma liberal), é certo que o nosso monarcha, dotado de genio braudo e indole bondosa, collocará com suas mãos deante do carro pesado da justiça—o grão d'areia—com que lhe trave as rodas promptas a esmagarem um seu subdito criminoso.

Posta assim a questão, tambem logo fica resolvida, mas de uma fórma nebulosa, mystica que, satisfazendo por ventura a consciencia individual do soberano, não penetra na consciencia publica, e muito menos se conforma com a razão social.

Todavia, é d'esta fórma nebulosa e mystica, que eu vejo resolvida a questão por muitos dos nossos homens *antipathicos* á pena de morte.—Qual o methodo, os principios, o systema d'esta sua «disposição» ou «indisposição» contra a pena de morte?—Nenhuns, ao que parece. Sómente nauseas do espirito com a lembrança do spectaculo repugnante de uma execução; nada mais...

Entretanto, os tribunaes militares irão evocando de tempos a tempos, ao som do *horrendum carmen legis*, o phantasma sinistro, sem respeito algum pelas imaginações impressionaveis, pelas organizações delicadas, que fugirão espavoridas a esconder-se debaixo do manto da realesa, gritando:—«Não queremos vêr!...»—E o rei, sorrindo magnanimo, e abrindo o manto, dirá:—«Podeis socegar; desliza a visão...»

E a visão desfez-se. Isto é bonito, é poetico mesmo; mas de uma belleza pequenina e de uma poesia infantil, bastante improprias de um povo chegado á idade adulta da razão e da experiencia; que é livre, ergue e demole instituições, discute e faz leis e as revoga quando quer; que, finalmente, se presa de governar-se pela sciencia, e não pelo sentimentalismo.

Com effeito!... admittre-se que na execução ou não execução da pena de morte, consagrada pela lei como uma necessidade *ideal e absoluta*, como sacrificio supremo de reconciliação entre o direito e a força, como a mais alta e solemne affirmacão da superioridade do ser juridico—o Estado sobre o individuo, esteja dependente, sujeita ao que ha de mais movel, contingente, individual e *precario* no homem—o perdão, a compaixão?

Pois veja-se quanto d'este modo não fica compromettido, arriscado a

grande e incontrastavel dogma da egualdade de todos perante a lei!

Responder-me-hão, talvez de duas maneiras.

(Continúa).

O OLHO VIVO.

Para provar evidentemente ás pessoas que nos fizeram a honra de lêr o 1.º numero d'este jornal, que somos sempre pontuaes no cumprimento das nossas promessas, continuamos, hoje, d'este humilde logar, e com debil voz, a tecer os bem merecidos encomios aos bons predilectos protectores, officiosos, dos indigentes!

E' a vós, magnanimos cavalheiros, heroes de fama inexaurivel, que nos dirigimos, e, reverentes perante tanta magestade, imploramos perdão para alguma falta, que, involuntariamente, commettessemos, quando, no cumulo do entusiasmo, tentamos desmascarar esses insolentes miseraveis, que, mordidos pela inveja, ousaram querer nodoar com sua baba immunda as vossas vestes puras...

Senhores! se alguma palavra por nós escripta tiver um sentido equivo-co, oh! por quem sois, não nos culpeis; attendei á exaltação em que nos achavamos, filha da amizade ingenua que vos tributamos, e da admiração que nos tem causado tanta maravilha por vós operada!

Com que prazer mencionariamos uma a uma as vossas virtudes, e, sobretudo, com que jubilo repetiríamos pausadamente os vossos nomes, se não tivéssemos o bem fundado receio de offender a vossa virtuosa modestia!

Mas deixemos isso ao cuidado da tuba sonora da fama, que vos fará conhecidos em todos os recantos do universo...

N'esta companhia só tem entrada homens d'um comportamento exemplarissimo, e d'uma alma nobre e generosa. Isto é verdade; mas quem duvidar informe-se, e verá. Vadios, tratantes, usurarios, esfoladores e... amigos do alheio, não tem lá cabimento, não senhores; embora os mal intencionados digam o contrario, nós os combateremos sempre. Fallar e dizer sem provar, nada vale; e se não respondam:

Aonde estão as provas dos contractos simulados e fraudulentos que elles tem feito?!

Aonde as da aquisição maliciosa de dous titulos exequiveis?!

Aonde as das traficancias e extorção do que lhes não pertence?! Aonde, senhores!... Ninguem responde, ninguém aponta os factos, por conseguinte não existem. E' esta a nossa opinião e a de muitas pessoas sensatas. E de mais, dada a hypothese de que houvesse alguma usura, não se provava a existencia do crime, porque o Codigo Civil, no art. 1640, diz: « Os contrahentes poderão convencionar a retribuição que bem lhes parecer ». Por conseguinte é a lei que os auctorisa, e elles em aproveitar-se d'ella, livremente, só provam claramente, que a sabem interpretar e cumprir á risca. Está claro: todo o bom cidadão assim faz.

Todos sabem perfeitamente que, quando praticamos qualquer acto pouco justo, a consciencia nos acusa continuamente e o remorso, consequencia necessaria, não cessa de nos atormentar; mas aquelles cidadãos exemplarissimos vivem socegados e contentes, não se lhes conhece em suas frentes um só vislumbre de remorsos, e, como todos sabem, as suas consciencias são sãs, e se os visse practicar acções indignas, como as que lhes querem attribuir, não

os deixaria tão tranquilos e prazenteiros.

Aos tribunaes, senhores, aos tribunaes. E' lá aonde se punem os mentirosos e calumniadores, e vós não deveis consentir, por fórma alguma, que vos deprimam, e insultem tão rigidamente, lançando-vos no rosto a maior infamia das infamias. Provocae os para que vos apontem esses factos hediondos, descrevendo-os minuciosamente, e declarando qual o auctor de cada um d'elles. Depois usai com elles com todo o rigor da lei que vos auxilia; não tenhaes piedade, nem deis quartel ao mais humilde que seja: sede inexoraveis, e nós aqui estamos para vos defender. (Continuaremos).

O correspondente de Braga para a Palavra.

Estivemos quasi resolvidos a mandar á fava o author da *Agua benta ou petroleo!* pae illustradissimo e religiosissimo d'uma celeberrima correspondencia para a *Palavra*; mas, para que se não diga que o medo nos obrigou a callar, vamos dar a honra d'uma resposta ao tal amigo. *Appareceu n'esta terra mais uma luminaria etc. etc.*

Assim começa o tal figurão; sobre isto, porém, apenas temos a agradecer ao collega correspondente tão grande e impagavel favor. Anunciou-nos a luminaria? Muito obrigado.

« Faz tenção de desmascarar os falsos e os hypocritas; mas como é coherente, faz no primeiro numero desmascara-se a si mesmo ».

De que maneira, faz favor de dizer? Em mostrar que somos liberaes? O amigo perdeu o juizo com toda a certeza...

Ahi o desmascarado é o collegasinho; porque, como um dos redactores da *Palavra*, (negue se lhe parece) jurou e tresjurou que não tinha politica; mas bem se vê agora, mui claramente, que é miguelista como qualquer Herodes de barbas brancas.

E se assim não fosse que tinha o collega que ver com a politica que seguimos? Ou o collega é dos taes pobres de espirito, que não podem conceber o liberalismo acobertado com o manto de Jesus Christo? Se assim é esfregue as fontes com vinagre aromatico e viva feliz.

Em quanto ao que dissemos do Papa, estamos promptos a sustentalo quando o collega quizer. N'este ponto seremos como Pilatos...

O' collega como cahio na asneira de nos comparar com S. Thiago?

Pois deveras nós fizemos como elle? Ainda bem collega, ainda bem.

De maneira que somos um segundo tomo de S. Thiago? Ora o demo do homem sempre tem graça.

Mas venha cá, collega, não fuja, ouça, ouça: se nós somos como S. Thiago, e o collega nos insultou, logo... logo o collega insultou o santo. O' collega, pois um santo, um santo?! E' verdade que isto para s. s.ª é como se fora o protector de *Tartufo* a exclamar: *uma pulga! uma pulga!*

Com que então, nobilissimo moiro, (como S. Thiago a moiros, diz o collega) a tal *Nação* vae-nos derrear como fez ao *Diario da Tarde*? Pois é pena collega, é pena; porque, emfim, mal a gente acaba de quebrar a casca ao ovo para ver a luz do dia e receber immediatamente uma *achata-della* de qualquer parlapatão que por ahí appareça, é triste, funebremente triste! Sabe porque grifamos a palavra — *achata-della*? Porque o collega, quando andou por cá, repetio-a em umas poucas de partes, fallando a nosso respeito.

Não leva, pois, a mal que se grife, pois não?

O collega sempre nos ha-de dizer, se não for totalmente impossivel, por que achou *indecente* (original) o mandar-lhe o *Liberal* um pouco tarde.

Por que não recebe nem lê o *Diario da Tarde* isso já nós sabemos: é intolerante, quer dizer miguelista, e por isso não admira; mas achar indecente isto, aquillo e não sabemos que mais, essa agora é das taes.

Não se esqueça de telegraphar para a *Nação*.

Ao exm.º sr. Oliveira Lemos, distincto litterato e excellent redactor do « Imparcial ».

Como admiradores que somos de todos os homens eminentes na litteratura moderna, não podemos deixar de confessar, bem alto, o nosso respeito pelo exm.º sr. Oliveira Lemos, cujo talento corre parelhas com o de certos litteratos que todos nós conhecemos.

Todas as vezes que deparamos com alguma producção sua, não a lemos, devoramol-a.

O paiz em geral, e os vimaranenses em particular, folgaram e exultaram de jubilo, desde que se soube que, sua exc.ª era collaborador e redactor principal do « Imparcial », pois que, desde então, todos os dias se nos proporciona ensejo de nos deleitarmos com os seus mimosos e elegantes escriptos.

Citar todas as suas producções como prova do que fica exarado, seria um nunca acabar, bastará apenas citar, como testemunho do seu alto merecimento litterario, o *excelente* folhetim — O Sanctuario — inserto na 2.ª pagina do n.º 20 do « Imparcial ».

E preferimos citar este folhetim, porque nos parece que é n'este genero que o distincto litterato mais sobresahe e mais se distingue.

Belleza de estylo, fluencia de termos, onde transluz a mais rigorosa propriedade, copia de imagens onde fulgura o seu genio de eminente poeta, sublimidade de pensamentos, eis o que eleva este escripto á altura dos primeiros que temos visto n'este genero.

Vem aqui a pello fazer uma pergunta ao distincto folhetinista, pois só elle, como auctor, nos pode dar uma resposta cabal e peremptoria.

Lê-se n'este folhetim, na quarta columna e quasi ao fundo o seguinte: « O Sanctuario teve este anno uma avultada esmola d'um brasileiro, cuja viuva é parenta de um capellão do Sanctuario. »

Tomamos a liberdade de perguntar ao distincto escriptor, se o brasileiro é vivo ou morto, pois n'isto consiste a nossa duvida.

Se o brasileiro está vivo, como se hão-de entender as palavras « cuja viuva » e se elle já morreu, como é que um morto pode dar esmolas a não ser em virtude de disposição testamentaria?!

Entre dous litteratos da escola do exm.º sr. Oliveira Lemos, se debatem esta nebulosa questão.

Assistimos á discussão, e, perguntada a nossa opinião, confessamos, com toda a ingenuidade, que não sabiamos responder.

Foi então que nos veio á mente o magnifico expediente, de recorrer ao auctor do folhetim, pois que a solução de tão ingenhoso problema está nas mãos do exm.º sr. Oliveira Lemos.

Confiaos na delicadeza, illustração e cavalheirismo do eximio folhetinista da patria de D. Afonso Henriques, esperamos nos esclareça sobre este ponto, não só para des-

canso dos dous litteratos, mas até para que certas linguas maldizentes não possam provar com factos como dizem, que s. exc.ª escreve sem sciencia nem consciencia.

Digne-se, pois, exm.º sr. Oliveira Lemos, mandar-nos o quanto antes lá do seu gabinete o decantado — X — d'este intrincado problema; assim o exige o seu bom nome e reputação d'escriptor distincto.

Um admirador do exm.º sr. Oliveira Lemos.

NOTICIARIO.

Curvemo-nos, liberaes! E' a morte que passa, despregando as escumilhas negras do luto, sobre uma nação inteira, que chora o passamento do grande vulto guerreiro que acendeu, no horizonte portuguez, pouco antes obúmbro, o facho refulgente da liberdade constitucional.

Ha trinta e oito annos que D. Pedro IV, esse pugnador da liberdade portugueza, esse valoroso rei-soldado, que combatia ao lado dos seus exercitos, deu o ultimo suspiro á nação, cujo resgate ao absolutismo alcançara, e o ultimo abraço para o seu regimento, o denodado e brioso 5 de caçadores.

Nas voragens mysteriosas e occultas do tumulo sumiu-se, para sempre, o corpo d'esse heroe, que jámais deixará de reviver na memoria d'aquelles que elle arrancou das gramalheiras infames e traidoras d'um absolutismo ensopado no sangue de tantas victimas: d'esse que mandou derribar o patibulo ignominioso, e expulso d'uma nação culta o assassino protegido pelas leis, e que, altivo, passeiava como um cidadão honrado!

Para commemorar tão infausto como saudoso dia mandaram os liberaes d'esta cidade celebrar no templo dos extinctos Congregados uma missa de *Requiem*, á qual assistiram o regimento de infantaria 8, esquadrão de cavalleria, auctoridades civis, militares e administrativas, e alguns bravos que militaram com o grande Libertador. Todos tinham estampado no rosto o profundo sentimento que lhes entenebrecia a alma.

O aspecto do templo, vestido de de velludos pretos, era imponente e venerando! Por sob aquellas sombrias abobadas, que repercutiam os trechos musicaes, tristes e melancolicos, esvoaçava o espirito candido do grande monarcha.

E trinta e oito annos volvidos e a arvore frondente da liberdade sempre altiva, sobranceira afrontando os vendavaes das facções absolutistas, e convertendo em seiva a baba que o jesuitismo lhe vomita nas raizes!

E' que uma ideia grande não morre, e os evos passam e repassam por cima d'ella, sem com a sua aza destruidora lhe apagar uma centelha de luz.

Liberaes! de joelhos. Que ao throa do Altissimo subam, entre incenso, as preces e orações, que elevaes com unisona voz!

Falleceu ante-hontem á noite de uma lesão no coração o sr. Narcizo José da Cunha, armador, morador na rua do Souto.

Estava conversando com sua familia quando a morte o surpreendeu. A sua inconsolavel familia manifestamos, com toda a sinceridade, os nossos sentimentos.

Por absoluta falta de espaço não publicamos, em o numero passado, o artigo: *O olho vivo*; hoje, porém, damos a continuação, e promettemos perseguir sempre, sem descanso, nem treguas, essa associação infame e escandalosa, que, renegando pundonor, brios e amor da humanidade, negocia com a pobreza, e, á sombra d'esta, vae enchendo as algibeiras ávidas de dinheiro.

Pena é que a imprensa de Braga, conhecedora d'este grande mal, não estigmatise, com todas as forças, os membros infames d'esta associação especuladora; recolha-se, no entanto, quem quizer ao silencio, que nós jámais cessaremos de prevenir o publico, como entendermos.

As *Novidades*, papelucho por todos conhecido, lembrou-se de attribuir ao novo cemiterio o mal que, infelizmente, grassa entre nós tão intensamente.

Aquelle doutor das *Novidades* é um primor litterario que deve ser guardado, com todas as cautellas, n'um buraco cheio de tojo.

A junta medica affirmou que o mal não vinha do cemiterio; mas o doutor das *Novidades*, pelos modos muito entendido n'estas materias, diz que não, e...prova-o com todas as suas forças, prova-o como elle sabe provar tudo.

Ande, doutor, ande que um dia ha-de cançar.

O snr. D. Carlos de Hespanha, segundo a linguagem do doutor das *Novidades*, vae fazendo progressos.

Aquillo quando menos se esperar entra como um raio na capital hespanhola e leva tudo a ponta-pé.

E depois, logo em seguida, o snr. D. Miguel, á frente dos seus denotados defensores, o doutor por exemplo, animado por um certo ar marcial, entrará em Braga e, em redor do...patibulo, entoará, com os seus, um hymno ao Omnipotente.

Bem vinda seja essa aurora sorridente, bem vinda seja.

E' verdade: no fim será bom tocar o hymno do Prim. Sempre é bom, porque enfim...

VARIEDADES.

O ULTIMO ACTO.

Omnia mors pascit; lex est, nem poena, ferire.

(Continuado do n.º 2.)

Eis-aqui a ordem na qual cessam e se decompõem as faculdades intellectuaes. A razão, esse attributo do qual pertende o homem ser o possuidor exclusivo, é a primeira que o abandona. Primeiramente perde o poder de associar diversos juizos; e logo depois o de comparar, reunir, combinar e ajuntar muitas ideias para pronunciar ácerca das suas relações. Dizem então que o doente perde a cabeça, que desarrazôa, que delira. O delirio versa ordinariamente sobre as ideias mais familiares ao individuo; a paixão dominante deixa-se conhecer facilmente: o avarento falla da maneira mais indiscreta dos seus thesouros sepultados; então morre rodeado de terrores religiosos. Recordação deliciosa da patria ausente, então te apresentas com todos os teus attractivos, e com toda a tua energia!

« Depois do raciocinio e do juizo, recebe o golpe da destruição successiva a faculdade de associar ideias; e isto acontece no estado conhecido

com o nome de *desfallecimento*, como eu o tenho experimentado em mim mesmo. Eu estava a conversar com um amigo meu quando senti uma dificuldade insuperavel de unir duas ideias sobre cuja similhaça queria formar um juizo; sem embargo a syncope não era completa, eu conservava ainda a memoria e a faculdade de sentir; ouvia claramente as pessoas que me rodeavam quando diziam: *elle desfallece*, como se agitassem para me tirar d'aquelle estado, que não deixava de ter alguma doçura.

A memoria extingue-se logo depois. O doente que, no seu delirio, reconhecia ainda aquelles que estavam ao pé d'elle, desconhece a final seus parentes, depois aquelles com quem vivia em a maior intimidade. Finalmente, cessa de sentir; porém os sentidos extinguem-se n'uma ordem successiva e determinada; o gosto e o olfato já não dão signaes da sua existencia; os olhos cobrem-se com uma nuvem tenue, e tomam uma expressão sinistra; o ouvido é ainda sensível aos sons e ao ruído. E' por que sem duvida os antigos, para maior segurança da realidade da morte, costumavam dar grandes gritos ao ouvido do defunto. O moribundo nem cheira, nem tem gosto, nem vê, nem ouve; só lhe fica a sensação do tacto; agita-se no seu leito, passa os braços por fóra, muda a cada instante de postura; faz, como já o temos dicto, certos movimentos analogos aos do feto que se move no seio de sua mãe. A morte, que vae descarregar seu golpe, não póde inspirar-lhe nenhum espanto, porque já não tem ideias, e acaba de viver como elle começou, sem o saber. *Richard, Novos Elementos de Physiologia.*

CHARADA

Enviaram-nos a seguinte charada para briaquedo de principiantes. Recomendamol-a aos redactores estoicos do *Futuro*.

Ao fulo pertengo. 1
relações denoto
de gran confiança. 1
Com troca de letra
é nota da musica. 1

Os tempos não são propicios;
Bem o sei: mas que fazer?
Na esp'rança firmar os olhos
Esperar até morrer.

AGRADECIMENTOS

João Marcos d'Araujo Ribeiro, e suas irmãs D. Maria Magdalena Ribeiro d'Araujo e D. Josefa Rosa Ribeiro d'Araujo, não lhes sendo possível ir pessoalmente, como desejavam, agradecer a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os por occasião da morte de sua extremosa e sempre chorada mãe D. Gertrudes Umbelina Pereira d'Araujo, e aos srs. capellão e coreiros da Misericordia, e mais ecclesiasticos que assistiram ao seu officio fúnebre e celebraram missa por sua alma, o fazem por este meio, protestando-lhes sua eterna gratidão.

Germano Joaquim Barreto, sumamente penhorado para com os illm.ºs e exm.ºs snrs. e revd.ºs sacerdotes que o cumprimentaram pela occasião do fallecimento de sua prezada filha Maria da Graça Barreto, e assistiram ao seu funeral na igreja do Carmo, a todos e a cada um em particular, protesta o mais intimo reconhecimento. (8)

ANNUNCIOS.

LIVRARIA DE EUGENIO CHARDRON

Largo de S. Francisco n.º 4 — Braga.

Encontra-se á venda na dita livraria todos os compendios adoptados no lyceu nacional de Braga, bem como todas as novas publicações. (9)

LECCIONAMENTO DE FRANCEZ.

João José Alves d'Araujo, morador na rua das Agoas, n.º 102, achando se habilitado pela sua longa estada em França e assiduo estudo, para leccionar francez, annuncia que, por modico estipendio mensal, começará o seu leccionamento no dia 1.º d'Outubro, promettendo desde já habilitar sufficientemente os seus leccionados para o exame final. (7)



Arrenda-se parte da casa do campo de D. Luiz, n.º 37; quem a pertender, falle na mesma com Joaquim José Gonçalves Loureiro. (6)

CAFE' AGUIA D'OURO.

No proximo domingo abre-se o novo café—AGUIA D'OURO, sito na esquina da rua das Agoas. O publico encontrará n'este novo estabelecimento varias bebidas e todas de excellentes qualidades. (10)

ARMAZEM DE VINHOS DO ALTO DOURO

DA CASA DE VILLA POUCA.

Rua do Souto n.º 15. BRAGA.

Acaba de ser sortido este armazem com as seguintes qualidades de vinhos engarrafados e aquartilhados:

ENGARRAFADOS	
Vinho tinto de meza	450
» » »	490
» Lagrima	200
» Branco de meza	210
» tinto de meza fino	270
» de prova secca	300
» Malvasia de 2.ª	360
» » velho	400
» Bastardo	500
» Moscatel	500
» Malvasia	500
» Roneão	700
» Alvaralhão	560
» Velho de 1854	600

A RETALHO

Vinho para meza 40 e 80, o quartilho tinto e 120 o branco.

Responde-se e garante-se a pureza e boa qualidade de todos estes vinhos, podendo todo e qualquer consumidor mandal-o experimentar por meio de qualquer processo chymico.

N'estes preços não fica incluído o valor da garrafa que o comprador apresentará ou pagará 40 reis por cada uma. (8)

Este jornal está habilitado.

BRAGA:—Typ. de D. G. Gouvea.

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

EUGENIO CHARDRON

LARGO DE S. FRANCISCO—BRAGA.

PUBLICAÇÕES PORTUGUEZAS

Dias Ferreira —Codigo Civil Portuguez, annotado, 2 vol., 8.º	4\$00	Eurique —Vozes propheticas ou applicões e predicções.	250
Ribeiro e Vilhena —O Caso Julgado e os documentos particulares segundo o Codigo Civil, 1 vol.	600	Palestras Familiares sobre o protestantismo de hoje em defeza do catholicismo.	200
Forjaz —Projecto do Codigo de Commercio, 1 vol.	800	Cezar Machado —Da loucura e das manias em Portugal.	500
Innocencio de S. Duarte —Arestos—As nullidades do Processo, 1 vol.	1\$000	Quadro do campo e da cidade.	500
O Guarda Livros Portuense , 1 vol	800	Cemillo C. Branco —O Inferno.	500
Lapa —Technologia rural, 3 vol.	3\$700	Quatro horas innocentes.	500
O Cosinheiro dos Cosinheiros, 1 v.	1\$000	Magalhães Lima —Miniaturas romanticas, 1 volume.	500
Almanak do Cosinheiro —1 vol.	240	E. P. de Almeida —Olympia.	400
Pontos para o curso de portuguez , segundo o programma official.	240	Bamalho Ortigão —Em Pariz.	500
Carvalho —Corographia Portugueza, 2.ª edição, 3 vol. em f.º	4\$000	Luiz d'Araujo —Novo Almocreve das Petas, 2 volumes.	1\$000
Pinheiro Chagas —Historia de Portugal, 7 vol.	7\$000	Fernandez , Historia dos sete morcegos	600
A Conspiração de Pernambuco.	500	Ponson du Terrail —O grilo do moinho.	400
Smith —Memorias do Marquez de Pombal, traduzidas por Fonseca e Castro, 1 volume.	1\$200	Lobato —Os Fidalgos do Coração de Ouro, 2 volumes.	400
Brito Aranha —Memorias historico-estaticas.	700	Alberto Estanislau —A Condemnada, drama.	240
Vasconcellos —Os Musicos Portuguezes, 2 volumes.	2\$400	Alfredo Campos —Um Livro Intimo.	200
Freitas Junior —A Revolução Social	300	A felicidade pela familia.	100
Candido de Figueiredo —A Liberdade de Industria.	300	João de Deus —Ramo de flores.	300
O Municipio e a Descentralisação.	200	Tito de Noronha —Passeios e digressões.	400
Villas Boas —Os Papas dos tempos modernos	600	Belot e Dantim —Memorias de um caixeiro ou um drama da vida commercial.	600
Barão d'Holbach —A verdadeira interpretação do systema da natureza.	300	F. Soulié —Os dous cadaveres.	500
Padre ...—O Confessor.	500	D. Antonio da Costa —José de Castilho o heroe do Mondego.	600
Marquez —Certeza do fim proximo do mundo.	200	Arnaldo Gama —O Batio de Leça.	500
		Reynolds , Dramas de Londres, 8 v.	3\$200
		Augusto Cezar —O Engeitado, 1 vol.	300
		Encyclopedia litteraria.	300

Satisfaz com brevidade qualquer pedido de livros portuguezes e estrangeiros.